

DEP. LEG.

126016

HISTÓRIA DA MARAVILHOSA TOMADA DA CIDADE DE CEUTA AOS MOIROS



Re. 140944



COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO DEZASSEIS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1940



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1940

LIVRO DEZASSEIS

HISTÓRIA DA MARAVILHOSA TOMADA DA CIDADE DE CEUTA AOS MOIROS

Estava a grande armada portuguesa no Tejo, pronta a levantar ferros e partir para a emprêsa de Ceuta, quando a rainha Dona Felipa se finou de peste na cidade de Lisboa.

Muita foi a tristeza na côrte e entre o povo pela perda de tão amada rainha; quanto à tristeza de el-rei e dos infantes nem há palavras com que se conte.

Todos andavam de luto. A cidade de Lisboa e o rio Tejo, dias antes tão cheios de alegrias e festas, com a armada embandeirada e tudo a postos para a partida, achavam-se agora mergulhados em luto e prantos. As vistosas librês mudadas em burel; as músicas em silêncio; e os navios sem toldos e com os mastros nús, mas pareciam uma floresta de árvores mortas.

Assim se passou algum tempo.

Mas um dia, Dom João I, que era um grande rei e um homem de coragem, chamou os infantes e disse-lhes assim:

— Aprontai tudo para a partida da armada. E despi vosso luto e vesti-vos de côres vistosas e tão galhardamente como antes da morte de vossa mãe ou ainda melhor. Corações tristes e fatos de luto não convêm a gente que parte para uma guerra santa e que é da vontade de todos. Quando voltarmos faremos nosso luto pela rainha. Por agora pensemos só na batalha e na vitória pois tal é nossa obrigação. E lá do alto dos Céus vossa mãe se alegrará da vossa alegria.

Estas fortes e nobres palavras dissiparam a tristeza e criaram novo ânimo e esperança na alma de todos.

— A' hora da sua morte a rainha Dona Felipa dissera que haviam de partir em dia de Santiago; e nesse dia levantaram ferro e, com bom vento, a grande e bela armada saiu a barra do Tejo, tôda embandeirada, velas inchadas, e espalhando no ar os sons de alegres trombetas.

Lindos e nobres navios sem conta. Tudo que havia de melhor na fidalguia de Portugal, ia na armada; e até do estrangeiro tinham chegado grandes senhores para tomarem parte na emprêsa.

Quando as velas se içaram, el-rei ajoelhou diante do altar que tinha armado a bordo no seu aposento e fez esta linda oração:

— Meu Deus, já que por tua infinita misericórdia, houveste por bem de me encarregar do govêrno dêste reino e dêste bom povo que te pertencem, e já que em todos os meus trabalhos e guerras me deste sempre a vitória, lembra-te agora de mim e dos que comigo vão nesta emprêsa contra os ini-

migos da tua santa Fé. Guarda, Senhor, para outra ocasião o castigo dos nossos pecados e dá-nos a vitória. E tu, minha Senhora Virgem Maria, que sempre foste minha tão boa e certa advogada, continua agora em minha ajuda e dá-me a vitória que sabes e que com tanto ardor te peço.

A partida da armada era cousa tão formosa que não havia ninguém em Lisboa que não corresse a gozar de tal vista. Pelos muros da cidade e praias e por toda a parte de onde se enxergasse o rio, se apinhava gente. E todos se orgulhavam do seu rei, e alguns diziam em altas vozes que Deus mostrava grande amor a Portugal por lhe ter dado tal rei, e que bem-aventurado era o dia do nascimento de Dom João I que tanto bem fizera ao seu povo, e que o Céu lhe desse em tudo boa sorte e o livrasse e aos infantes, de todos os perigos.

Quando a armada surgiu do estreito de Gibraltar, a gente da cidade castelhana de Algeciras ficou pasmada, porque nunca tinham visto juntas uma tal quantidade de embarcações. Mas como isto foi ao cair da noite, e que todos os navios amainaram as velas, o povo na praia deixou de os avistar; e aquela gente admirava-se e dizia:

— São fantasmas...

Ao ouvir isto, um português que ali estava com eles, respondeu logo:

— Qual fantasmas nem qual carapuça! São tão fantasmas como eu. A gente desta terra ainda não sabe o poder de el-rei de Portugal meu senhor.

Mas eles não queriam acreditar no português e disseram:

— Se todas as árvores de Portugal fossem cortadas para com elas se fizessem navios, e todos os portugueses mudados em carpinteiros, nem no correr de duas vidas inteiras se teria podido construir tantos navios!

O dia seguinte amanheceu de grande nevoeiro e, da cidade de Algeciras não se via nada para o mar. Ouvia-se o soar de trombetas e outros instrumentos; e aquela gente que não percebia de onde vinha tal música, mais se convenciam de que tudo era cousa do outro mundo. Mas de repente o sol rompeu o nevoeiro e toda a armada resplandeceu defronte da cidade com suas velas sem conta, suas bandeiras e enfeites reais de lindas côres.

Não houve criatura humana em toda a cidade que não corresse aos muros para ver tal maravilha. E lá estava o alcaide de Algeciras com os principais da terra.

— Estou bem certo agora — disse o alcaide — que isto é obra de el-rei Dom João de Portugal. Quando penso nas façanhas deste grande rei, parece-me tudo um sonho.

E voltando-se para o povo que se apinhava à sua volta, continuou assim:

— Ora pensai bem; qual de vós viu em dias de sua vida ou ouviu sequer falar de algum outro rei das Espanhas ou de qualquer outro país, capaz de juntar uma armada como esta?

Apenas os navios ancoraram defronte de Algeciras, este alcaide mandou vir para a praia uma grande quantidade de bois e de carneiros e encarregou seu filho de ir a bordo apresentar os seus cumprimentos a el-rei de Portugal e oferecer-lhe aquê gado.

El-rei Dom João disse que agradecia muito a cortesia e a tinha em muita

conta, mas que não aceitava o gado, porque os seus navios levavam tudo que era preciso.

Então o filho do alcaide voltou para terra e montando a cavalo e pegando numa lança, começou a galopar pelo meio daquele gado matando e ferindo nêlo quanto mais podia. Os portugueses vendo aquela chacina, saltaram em terra e acabaram de matar os bois e os carneiros e ali mesmo fizeram grandes fogueiras e assaram as rêses e comeram carne fresca a regalar, na companhia dos castelhanos com grandes amizades e alegrias entre todos. E el-rei Dom João louvou muito o filho do alcaide da maneira habilidosa que tivera de fazer aceitar aos portugueses o seu presente; e deu-lhe uma taça cheia de moedas de oiro dizendo-lhe que era para êle comprar um cavalo.

Quando a armada levantou ferros e navegou em direitura a Ceuta, fêz-se outra vez uma grande cerração. E como as correntes do mar são ali muito fortes, os navios, que não se enxergavam uns aos outros, perderam o rumo e grande parte deles foram arrastados para as bandas de Málaga. Só chegaram defronte de Ceuta algumas galeras e fustas e outras embarcações das pequenas. Ainda assim estes navios eram tantos e tão galhardos que os moiros, ao vê-los, se espantaram; mas como eram de pequeno tamanho e como o resto da armada se não avistava, nem os moiros tinham desconfiança das tenções de el-rei Dom João, não cuidaram que fôsse sinal de guerra e treparam para o tôpo das muralhas mais com sentido de ver o que se passava do que para se defenderem.

Nisto chegaram outros navios e, entre êles, os de el-rei e do infante Dom Henrique. Então, ao verem aparecer as grandes naus cheias de gente, os moiros começaram a assustar-se.

Quem governava Ceuta era um vêlho moiro muito poderoso e conhecido pela sua sabedoria e bravura, chamado Salabençala. Quando viu defronte da cidade aquêlo poder de navios, reüniu o seu Conselho e resolveram mandar recado a todos os moiros das vizinhanças para que viessem, bem armados, a socorrer Ceuta.

Os que estavam sôbre os muros começaram a atirar tiros de bombardas e setas contra os navios. Mas estes estavam fora do alcance destas armas; a não ser a nau do almirante português que lhes respondia com bons tiros e nunca se quis afastar, dizendo que não viera ali para recuar, mas sim para avançar.

Alguns rapazes moiros, valentes e com o sangue nas guelras, foram para a praia desafiar os cristãos. E estes não se fizeram rogar e, uns poucos de portugueses saltando nos botes vieram para a praia e aí batalharam de grande. Muitos moiros ali morreram e os outros fugiram para dentro da cidade.

Daf a pouco el-rei foi ancorar com os navios que o acompanhavam, do outro lado da cidade de Ceuta e pouco depois ali chegou o infante Dom Pedro mais a sua armada que tinha sido demorada pelo nevoeiro e correntes do mar.

Entre os moiros a inquietação e o susto iam cada vez a mais. De dia para dia a armada portuguesa ia crescendo e os navios eram já tantos que não se podiam contar.

Um moiro vêlho que era tido por santo, teve um sonho que o encheu de aflição: viu sôbre a cidade de Ceuta grandes nuvens de abelhas, e nisto, um

leão trazendo na cabeça uma coroa real de oiro, entrou no estreito de Gibraltar à testa de uma grande multidão de pardais que se atiraram logo às abelhas e deram cabo delas.

Salabençala, assustado com êste sonho do moiro santo, mandou reunir todos os seus astrólogos que eram homens de grande sabedoria que liam nas estrêlas os destinos da terra, e pediu-lhes que estudassem êste sonho e procurassem nas estrêlas a sua explicação.

Os astrólogos examinaram o sonho e estudaram as estrêlas e, por fim, o mais importante deles todos foi ter com Salabençala e disse assim:

— No tempo do nosso grande rei Miramolim, quando êle desembarcou em Espanha pela primeira vez, andava um moiro a cavar numa horta e deu com a enxada numas pedras que eram os restos de uns antigos alicerces que ali havia. E, continuando a cavar, descobriu uma lage onde estava gravada a imagem de um grande profeta moiro. Os pés da imagem poisavam sôbre umas letras que diziam assim: *Das Espanhas sairá um leão com três leõezinhos seus filhos, acompanhados por uma grande armada. E êste leão mais os filhos conquistarão a nóbre cidade de Ceuta, e o seu poder será tamanho que dará cabo dos moiros de tôda esta parte de África! Moiros! quando isto acontecer, procurai vossa salvação na fuga!* Ora esta profecia, no nosso entender, liga-se ao sonho do santo, porque êle diz que viu um leão coroadado entrar pelo estreito de Gibraltar. Nós somos as abelhas que êle viu sôbre a cidade de Ceuta, e os pardais representam os cristãos.

Salabençala e todos os fidalgos moiros que ouviram esta explicação do sábio astrólogo, ficaram muito aflitos; em lugar de prepararem a defesa da cidade, puseram-se a discutir o sonho e perderam muito tempo em conversas e ordens desencontradas.

Entretanto as últimas embarcações dos portuguezes chegavam a Ceuta. A armada, muito em ordem, cobria o mar.

El-rei Dom João mandou chamar o infante Dom Henrique e disse-lhe:

— Hoje à noitinha, irei com vosso irmão Dom Pedro e tôda a nossa gente, ancorar dêste lado da cidade; e vós com os vossos ireis ancorar do outro lado. Os moiros, vendo as minhas fôrças aqui, pensarão que neste ponto os atacaremos e juntarão dêste lado o melhor das suas fôrças para a defesa. E vós atacareis do outro lado e fareis o que puderdes para entrar na cidade. Não estareis só muito tempo; que apenas a batalha fôr começada, iremos ter convosco.

E, com a cara cheia de riso, bateu no ombro do infante Dom Henrique, dizendo:

— Bem vêdes que me lembro do vosso pedido: sereis, com a graça de Deus, o primeiro a atacar a cidade de Ceuta e a forçar suas portas.

Quando os moiros viram tôdas as naus de el-rei, aparelhadas para a batalha, aproximarem-se da cidade daquele lado, cuidaram que ali seria dado o ataque. Salabençala juntou o melhor da sua gente naquele ponto. Alumiaram a cidade de quantas luzes puderam para dar aos portuguezes a idea de que havia muita gente e bem acordada. E, como Ceuta era uma grande e formosa cidade, tôdas estas luzes vistas do mar pareciam cousa de outro mundo, tão maravilhosas e lindas que era um espanto. Mas os portuguezes pouco tempo

deram à sua admiração. Mal os navios de el-rei foram ancorados perto da praia, começou a bordo um grande tráfego. Cada um tratava de se preparar para a batalha; e com os archotes que os pagens levavam acesos à frente dos capitães, e com as lanternas que os homens seguravam para se alumiar, e com os fanais nos mastros e tôdas estas luzes espelhadas no mar como espadas entrando pela água dentro, a iluminação da armada não era menos maravilhosa que a da cidade.

No dia seguinte, logo ao alvorecer, o movimento a bordo da armada era como o de um enxame de abelhas. Os homens acordaram cheios de ânimo e de alegria. Chamavam-se uns aos outros com assobios e gritos. Uns afiavam as espadas e as lanças, examinavam as armas para se assegurarem de que nada lhes faltava; outros passavam a correr com ferramentas e iam martelar as armaduras; outros afivelavam couraças e cinturões; outros, lembrando-se de seus pecados, procuravam os padres para se confessarem; outros experimentavam as achas (que eram armas rijas da forma de machados) e os espadões, manejando-os a ver se as armaduras os não empeciam.

Alguns brandindo as espadas, diziam:

— Ai, minha rica espada! que tão bem soubeste cortar e talhar em Aljubarrota nas armaduras castelãs, vamos agora a ver o trabalho que és capaz de fazer talhando na carne dos infieis que não querem servir-se de armaduras!

Outros abriam alegremente os barris e caixas onde tinham as melhores provisões e chamavam os amigos para as repartirem com êles. E diziam:

— Vinde! Vinde! Toca a comer que êste é talvez o último dia das nossas vidas! E, se com a ajuda de Deus, formos vencedores, não nos faltarão provisões, que a cidade de Ceuta é rica!

Pelo seu lado os moiros não paravam preparando a defesa da cidade. Os portugueses viam-nos passar correndo de um lado para o outro sôbre as muralhas, como gente que a batalha não assustava.

Salabençala, sentado no seu palácio e rodeado dos officiaes e fidalgos moiros a quem ia dando suas ordens, cismava de si para si:

— El-rei Dom João I de Portugal! Aqui está um rei que venceu os castelhanos com um exército pequenino e pobre contra fôrças inimigas três vezes maiores; um rei tão forte e tão prudente e ajuizado que foi capaz de trazer defronte da cidade de Ceuta a maior e mais poderosa armada que jamais se viu, sem ninguém saber até ao fim quais eram as suas tenções. Que posso eu fazer? Assim apanhado de surprêsa e sem tempo de chamar os moiros do interior?

E nisto veio um grande bando de moiros ter com Salabençala, e um deles, moço e cheio de bravura, disse-lhe assim:

— A armada dos cristãos está dividida em duas partes, cada qual de um lado da cidade, e não sabemos onde atacarão primeiro. Precisamos estar alerta. Nós vamos para a praia da banda de Almina e apenas os cristãos desembarcarem, aí faremos nêles grande mortandade, porque a maior parte e os melhores vêm cobertos de ferro e, por esta razão, os seus movimentos devem ser diffíceis e vagarosos; enquanto nós somos ligeiros e rápidos e temos assim sôbre êles, grande vantagem. Ora, quando um daqueles homens cobertos de

ferro cair no chão não se poderá levantar. Como se há-de levantar, se leva em cima de si o pêso de um rochedo?

Quando o infante Dom Duarte ouviu el-rei confiar o ataque da cidade a seu irmão Dom Henrique, tirou-se dos seus cuidados e retirando-se para a sua galera, mandou-a seguir os navios de Dom Henrique. E, como era de noite, ninguém deu por tal.

De manhãzinha, um escudeiro do conde de Barcelos, sem esperar ordens, tal era a sua ânsia de ser dos primeiros a atacar Ceuta, desceu para um bote e mandou remar para a praia. E outros, vendo isto, fizeram o mesmo. Ninguém os poderia já agüentar.

O primeiro a saltar em terra foi um fidalgo chamado Rui Gonçalves e logo a seguir o infante Dom Henrique. Os moiros que se apinhavam já na praia, correram para êles; mas, a-pesar-de Rui Gonçalves mais o infante irem revestidos das suas armaduras de aço que reluziam ao sol nem que fôsem de prata, os moiros não acharam cousa tão fácil como cuidavam, de dar com êles em terra. Apenas se chegaram, receberam tais espadeiradas e com tal rapidez que foi tudo raso. Aquêles homens vestidos de ferro pareciam leves como penas. O lugar onde desembarcaram foi varrido de moiros num abrir e fechar de olhos e os botes que agora chegavam dos navios carregados de portugueses, podiam acostar à praia que os moiros não lhes chegavam. E em breve mais de cento e cinqüenta cristãos foram em terra, fazendo cada qual o serviço de três ou mais. Onde o infante Dom Henrique chegava, era como um vendaval. Os moiros espantavam-se de ver um homem coberto de ferro mexer-se como se estivesse nú; a espada nas suas mãos era como um raio. Antes deles a verem alçada já ela caía a rachar uma cabeça ou a cortar um pescoço. E o trabalho dos outros portugueses não lhe ficava atrás. Os moiros espantados com aquêle ímpeto e rapidez com que não contavam, começaram a recuar na direcção da porta da cidade.

O primeiro português que, rodeado de moiros e batendo-se como um demónio passou aquela porta foi Vasco Anes Côrte-Real e, logo atrás dele os dois infantes Dom Duarte e Dom Henrique. E foi só ali, no meio da batalha acesa, na confusão em que andavam embrulhados moiros e cristãos, que o infante Dom Henrique reconheceu seu irmão Dom Duarte e viu com grande alegria que êle combatia ao seu lado. Sem parar de combater, gritou a Dom Duarte cumprimentando-o com a espada:

— Muitos agradecimentos vos dou, irmão e senhor, de virdes assim ajudar-nos!

E Dom Duarte, batalhando sempre, riu-se e respondeu que aquêle trabalho era muito do seu gôsto.

Mas não havia vagar para mais conversas. Os portugueses que iam desembarcando empurravam sempre os moiros para a porta e iam entrando com êles; havia já muitos mortos e feridos e a batalha corria brava.

Entre os moiros havia um gigante negro que nem um tição, nú, rijo como aço e medonho de se ver. Cada braço era uma tranca e cada perna uma coluna. Os dentes compridos e brancos de neve luziam-lhe na cara preta e os olhos faiscavam-lhe como chamas. Não se servia de armas; só de pedregulhos que

atirava com mão tão certa e com tal fôrça, que eram como tiros de bombardas; e cada um botava um homem em terra.

Quando êste demónio viu os cristãos entrando pela porta da cidade, arre-messou uma grande pedra à cabeça de um deles que era um fidalgo chamado Vasco de Albergaria; mas êste que reparara no pretalhão pôde fugir a tempo com a cabeça, de modo que a pedra o não apanhou em cheio e, resvalando no capacete, só lhe arrancou a viseira. Vasco de Albergaria, atordoado com a pancada mas furioso e cheio de raiva, atirou-se contra o gigante de lança em punho com tal gana que o atravessou pelo peito de lado a lado.

Os moiros vendo o pretalhão morto encheram-se de susto e largaram a fugir para a porta; e naquela barafunda, os portugueses que iam sôbre êles, entraram na cidade.

A primeira bandeira real portuguesa que se desfraldou na cidade de Ceuta, foi a do infante Dom Henrique como êle tanto desejava; e atrás dele entraram quinhentos portugueses.

Os infantes Dom Duarte e Dom Henrique, o conde de Barcelos e mais os que iam com êles, treparam para um monte que estava no meio de uma esplanada onde, havia muitos anos, os moiros deitavam o lixo da cidade que assim amontoado e endurecido pelo tempo, fazia como um outeiro. Ali se juntaram todos defendendo-se contra os moiros que os rodeavam por todos os lados. Os portugueses que se encontravam já dentro da cidade ainda eram poucos e não podiam separar-se uns dos outros sem perigo porque a cidade estava apinhada de moiros. Mas da armada os nossos iam desembarcando com grande pressa e batalhando iam entrando na cidade.

Entre estes que assim desembarcavam chegou um fidalgo chamado Fernandes de Ataíde que não quis entrar por aquela porta já conquistada e guardada pelos portugueses; e foi com a sua gente atacar outra ainda fechada e muito bem defendida pelos moiros. Vendo isto muitos outros dos nossos correram para o ajudar; e começaram todos a atacar a porta a golpes de machado e juntando e queimando lenha para lhe pegarem fogo. E isto com muito trabalho e grande valentia porque a porta era rija e os moiros do alto das muralhas defendiam-na atirando pedregulhos e setas e pez derretido sôbre os cristãos; tanto que oito dos nossos ali encontraram a morte e com êles Fernandes de Ataíde. Mas a porta foi arrombada e logo por ela entrou um ror de portugueses varrendo os moiros diante de si que era um louvar a Deus.

Havendo assim já muita gente nossa dentro da cidade, os infantes mandaram dividir os seus em dois magotes com ordem de avançarem cada qual por seu lado. E Dom Henrique e Dom Duarte combinaram ir juntos a tomar as alturas da cidade antes que os moiros tivessem tempo de aí se fortificarem.

O sol ia já alto e o calor abrasava. Dom Duarte foi-se despindo de diferentes peças da sua armadura porque eram pesadas e os caminhos íngremes; e o infante Dom Henrique fêz o mesmo. Avançavam os dois e combatiam agora só com as suas cotas de malha de ferro e acompanhados por poucos dos seus. E, sem cuidarem do perigo de suas vidas, assim foram tomando muitas alturas da cidade e Dom Duarte chegou à mais alta de tôdas e a tomou com muito trabalho e risco de vida; e fêz tais proezas que deviam ser contadas como

grandes actos de heroísmo, mas nunca êle quis que ficassem escritas porque lhe pareciam pouca cousa comparadas com o desejo do seu coração de as fazer muito maiores ainda.

El-rei Dom João que tinha ficado com o infante Dom Pedro e a sua gente do outro lado da cidade, esperava que os moiros viessem à praia naquele ponto para dar o sinal do desembarque e do ataque. Mas os moiros vendo que da banda de Almina o infante Dom Henrique tinha atacado, correram para lá e não saíam à praia nesta parte.

Começou el-rei a inquietar-se e mandou um seu escudeiro num barco à procura da galera de Dom Duarte. Em breve o escudeiro lhe trouxe a notícia que Dom Henrique fizera o ataque, que Dom Duarte andava com êle, que as tropas portuguezas já tinham entrado na cidade, e que os infantes mais o conde de Barcelos e a sua gente andavam batalhando lá dentro cada qual pelo seu lado.

A alegria de el-rei não se pode contar; ainda que a não mostrasse porque era lei sua de governar tanto as suas paixões que nunca se lhe via contentamento senão moderado mesmo quando o coração dele estava inundado, nem mostrava zanga ou tristeza senão o menos que podia mostrar. Mas, ao ouvir estas notícias dos filhos, olhou para os fidalgos presentes e riu-se como se lhe tivessem contado uma travessura de crianças. E logo a seguir, deu o sinal do ataque.

Tão de-prensa as trombetas soaram, tôda aquela gente que havia tanto tempo ansiava pela hora do combate, desceu com grande alvoroço para os botes e saltaram em terra com tal vontade nem que fôssem para uma festa. Queriam fazer grandes cousas, grandes valentias. Cada qual, quer fidalgo quer soldado, só pensava em ganhar honra e mostrar seus merecimentos e coragem. Tinham mêdo que os outros portuguezes lhes tivessem roubado a maior parte da glória daquele dia forçando a entrada da cidade antes deles. Mas enganavam-se; porque, se os dois infantes Dom Duarte e Dom Henrique tinham feito muito bom trabalho com a sua gente, ainda ficava muitíssimo que fazer para se acabar a conquista da cidade. Os moiros eram tantos como formigas num formigueiro e defendiam Ceuta passo a passo, armando grandes e bravas batalhas em cada rua. O ruído daquela guerra era tamanho que se ouvia em Gibraltar.

O infante Dom Pedro, sem cuidado nenhum no perigo que corria, ia à frente dos seus como um leão; e do mesmo modo o condestável Dom Nuno Álvares Pereira que se batia nem que tivesse vinte anos. Sem descanso, sem parar um instante, arriscando mil vezes a vida, fazendo cousas de espantar, o infante Dom Pedro e o condestável, eram como dois arcanjos a combater.

Entretanto, do outro lado da cidade, os dois infantes, Dom Duarte e Dom Henrique continuavam a guerrear sem quebra de fôrças nem de vontade.

Dom Henrique perdeu de vista o irmão e sôzinho, cheio de ânimo, meteu-se por uma rua cuidando que por aí encontraria os seus. Nisto, viu vir ao seu encontro, em grande correria, uns quinhentos portuguezes que uma grande multidão de moiros vinha perseguindo e matando. Dom Henrique, despido da armadura e só com seu escudo e a sua espada, encostou-se à parede e deixou passar os portuguezes que na aflição em que vinham, nem o conheceram; e

quando estes acabaram de passar, e viu vir os moiros, saltou para o meio da rua e fez-lhes frente à espadeirada com tão espantosa valentia que os fêz parar. Os portugueses vendo isto e reconhecendo o infante, ganharam novo ânimo e, enchendo-se de raiva, correram contra os moiros e ali fizeram tal matança que os obrigaram a fugir. Mas quando já cuidavam a vitória certa, surgiu outra grande tropa de moiros; e eram tantos e tão bravos, que os portugueses se cuidaram perdidos. Mais uma vez Dom Henrique fêz frente aos infieis furiosos e mais uma vez deu ânimo aos seus que puseram o inimigo em debandada.

Assim batalhando sempre e perseguindo os moiros os levou até às muralhas do Castelo. Aí, os que estavam sôbre os muros atiravam pedras e setas e os que iam fugindo, sentindo-se mais fortes com esta ajuda, voltaram-se a fazer frente aos nossos; e soltaram gritos de alegria porque na companhia do infante só viram dezassete homens.

Dos quinhentos do princípio, uns tinham sido mortos, outros mal feridos ou vencidos pelo cansaço, jaziam em terra, outros levados pela ânsia das riquezas, tinham-se esgueirado para dentro das casas à procura de riquezas, outros mortos de sede, tinham-se afastado à procura de poços. Mas com estes dezassete soldados Dom Henrique agüentou a luta contra centos de moiros, durante três horas. Valia-lhes ser a rua estreita de modo que os inimigos os não podiam atacar senão de um lado e poucos de frente. Mas os demónios pareciam nascer da terra.

Havia agora cinco horas que o infante batalhava sem descanso e, dos seus dezassete companheiros só lhe restavam quatro, que os outros jaziam por terra mortos ou mal feridos.

A muralha do castelo era grossíssima e nela se abriam três portas umas atrás das outras e, entre elas, uma abóbada furada no centro, por onde os que estavam de cima atiravam pedregulhos e setas. Como se poderia imaginar que o infante Dom Henrique mais os seus quatro companheiros escapassem de tamanho perigo? Houve quem dissesse mais tarde que talvez devessem a sua salvação a serem tão poucos: porque entrando de roldão com aquela multidão de moiros, o apêrto era tal que estes mal podiam servir-se das suas armas e, querendo ferir os portugueses, feriam-se uns aos outros; e os de cima, com mêdo de matar os seus cá em baixo, não se atreviam a atirar as pedras e setas pois no meio de tantos moiros só viam cinco cristãos.

Fôsse como fôsse, o que é certo é que em volta do infante e dos seus quatro valentes companheiros, os infieis caíam mortos e feridos e afinal, batalhando sempre como danados, os nossos entraram no castelo. Neste comenos, uma grande tropa de portugueses chegou às portas do castelo e, achando-as abertas, entrou de roldão.

Os moiros, vendo-se perdidos, desataram a fugir. Muitos ali morreram, outros puderam escapar-se. Pouco tardou que a bandeira real portuguesa se desfaldasse lá em cima, na tôrre mais alta do castelo.

Este combate heróico do infante Dom Henrique decidiu a vitória. Ceuta estava conquistada! Quando el-rei Dom João avançou com a sua gente para o ataque do castelo, encontrou-o já na posse do infante Dom Henrique e vazio

de moiros. Salabençala vendo tudo perdido, tinha abalado da cidade, levando quanta gente pôde.

El-rei mandou benzer a maior e mais linda mesquita e fazer dêste templo dos infieis, uma igreja cristã. Depois de benzida e muito bem limpa e enfeitada, os padres e frades que iam na expedição, ali cantaram um *Te-Deum* e, no domingo seguinte ali houve missa cantada e um sermão muito lindo que todos ouviram com muita devoção.

No fim da missa os três infantes retiraram-se para os seus aposentos e, revestindo as suas armaduras, voltaram para a igreja. E esta entrada dos três infantes na igreja foi cousa tão formosa e de tanto esplendor que nenhum dos homens ali presentes, quer fidalgos quer soldados, puderam jamais esquecer-lha em dias de sua vida. Porque os três infantes eram todos três altos e muito bem feitos de corpo; os seus rostos resplandeciam de beleza e de alegria, e tôda aquela gente sabia com que valentia e alto entendimento êles se tinham portado na batalha, desprezando a morte e cobrindo-se de glória. As suas ricas armaduras brilhavam como se fôssem de prata e, da cinta pendiam-lhes as espadas preciosas que a raínha sua mãe lhes dera com sua bênção, à hora da morte. Retiniam sôbre o mosaico do chão os seus passos firmes, e avançavam como três anjos do Senhor, entre as alas dos fidalgos mui ricamente vestidos e defronte dos soldados que apinhavam a igreja, todos calados e cheios de amor e de admiração.

Assim chegaram os infantes diante de el-rei Dom João que ali os armou cavaleiros com grande solenidade. Entraram pois os três infantes na santa ordem da cavalaria, da maneira que queriam: depois de uma batalha gloriosa onde cada um pudera mostrar seus merecimentos e arriscara tantas vezes a vida ao serviço de Deus, de el-rei e da Pátria.

Depois de beijarem a mão a seu pai, os infantes foram por sua vez armar cavaleiros aquêles dos seus companheiros que, por grande coragem e lealdade no combate, o tinham merecido.

Quando tôdas estas cerimónias se acabaram, el-rei Dom João reuniu o seu conselho para determinar como Ceuta devia ficar guardada e defendida; porque era de ver que os moiros voltariam breve e em grande fôrça para tentarem reaver a sua linda cidade e os tesouros e riquezas que ela encerrava. Agora mesmo, passados os primeiros dias de susto, os moiros começavam a vir do lado de terra, aos magotes; e os portugueses saíam a combatê-los e cada dia havia perda de vidas.

El-rei com os infantes e o grande condestável Dom Nuno Álvares Pereira, e mais os outros fidalgos do conselho, depois de muito bem estudarem tôdas as cousas da defesa da cidade, resolveram tudo com muita prudência e sabedoria.

Nomeou el-rei capitão de Ceuta o conde Dom Pedro de Meneses e mais uns trinta fidalgos para ali ficarem na sua companhia e às suas ordens, comandando a guarnição de Ceuta que, entre todos, era de dois mil e setecentos homens.

Escolheu também el-rei entre êles um capitão do mar com sua gente e duas belas galeras para a guarda do estreito. E deixou a cidade muito bem fortificada e provida de mantimentos e tôda a qualidade de armas, artilharias e

tudo que era preciso; sem contar as cousas que encontraram na cidade e nos estaleiros: quatro galeras muito boas e muitas setas e bestas, arcos e escudos, uma bombardas e muita pólvora, e sebo, cera, pez, âncoras, lemes, cordagens, mastros, e tudo com grande fartura.

E lá ficaram padres e frades e tudo que era necessário para o ornamento das igrejas e para o culto divino.

No dia 2 de Setembro de 1415, tôda a armada se encontrou pronta para partir. O conde Dom Pedro de Meneses com todos os fidalgos e escudeiros que ficavam em Ceuta vieram despedir-se de el-rei que os recebeu com muita amizade recomendando ao conde Dom Pedro que tivesse sempre no pensamento a responsabilidade que tomava, e no coração a firmeza e coragem necessárias; e que fôsse bom e justo para todos que ficavam sob o seu comando e os protegesse e defendesse sempre. E aos fidalgos recomendou que se portassem sempre como se estivessem na sua presença e obedecessem em tudo ao seu capitão. E êles responderam que assim fariam e que guiariam em tudo com amor os seus soldados, e que mais depressa el-rei teria a notícia de suas mortes que de suas deshonras.

Apenas el-rei entrou na sua galera logo deu ordem de levantar ferros e todos os navios içaram as velas e começaram a sua viagem em direitura ao Algarve. Em cada barco soavam trombetas e outros instrumentos, porque todos aquêles homens — que levavam consigo tanta glória e tantas riquezas — iam contentes pensando na sagrada terra de Portugal para onde voltavam e onde encontrariam suas famílias e amigos.

Mas os que ficavam em Ceuta, durante todo aquêles dias não se arredaram das muralhas; e muito depois das últimas velas terem desaparecido, ali se conservaram encostados a olhar para o mar. Nenhum falava, cada qual entretido com os próprios pensamentos; e entre os soldados, muitos tinham os olhos rasos de lágrimas. Pensavam todos, quer capitães quer soldados, que só Deus sabia se jamais voltariam à sua terra. Ali estavam dentro dos muros de Ceuta conquistada; de um lado tinham o mar e do outro aquela grande e desconhecida terra de África de onde os moiros viriam atacá-los sem descanso.

Mas passado o primeiro dia de tristeza, nunca mais aquêles homens pensaram senão em cumprir o seu dever; e todos, do primeiro ao último, através de lutas e perigos, honraram sempre o nome português e combateram e viveram como heróis. E Ceuta ficou em mãos de portugueses durante perto de duzentos anos e nunca mais caíu em poder de moiros.

Quando a armada chegou a Tavira, no Algarve, el-rei desembarcou e mandando chamar os três infantes disse-lhes:

— Todos os bons serviços merecem prémio, e eu quero dar-vos o prémio do que fizestes nesta conquista de Ceuta. Não sei que benefício fazer ao meu filho Dom Duarte (porque êle tem tudo, visto ser o herdeiro do meu reino e das minhas terras) senão dizer-lhe que de hoje em diante e mesmo antes da minha morte, êle poderá tomar dêsses bens o que lhe aprouver. Quanto a vós, meus dois outros filhos, quero levantar-vos à honra de duques. Vós, infante Dom Pedro sereis duque de Coimbra e vós infante Dom Henrique, sereis duque

de Viseu, e cada qual terá por sua a posse destas cidades e terras que lhes pertencem.

E logo ali se ordenaram grandes festas e cerimónias para a solene tomada de posse dos infantes destas honras e bens. Na mesma ocasião recompensou el-rei muito generosamente os fidalgos e soldados que o tinham acompanhado e com tanta coragem e dedicação se tinham portado; e não houve entre elles um só homem que não ficasse contente.

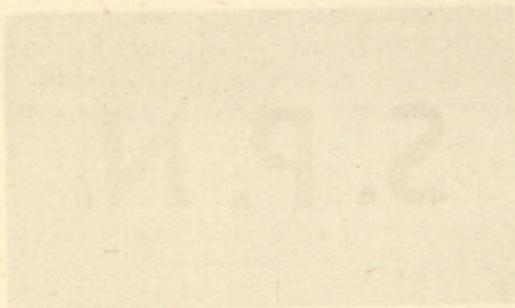
Do Algarve el-rei e os infantes e todo o seu acompanhamento seguiram a jornada por terra e foram ter a Évora onde a infanta Dona Isabel os esperava rodeada de tôdas as suas damas e tôda a côrte. E aí estava também Dom Fernando Rodrigues de Sequeira, grão-Mestre da Ordem de Aviz a quem el-rei confiara a regência do reino durante a sua ausência.

Por tôdas as terras de Portugal que el-rei, os infantes e o seu luzido acompanhamento atravessaram, foram tantas as festas e alegrias que nem se podem contar.

Ceuta foi a primeira terra de África de que os portuguezes tomaram posse. Daí foram andando à descoberta do mundo, como será contado. Nem há outro povo na terra que possa contar do seu passado histórias mais maravilhosas.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA TRISTE E GLORIOSA EMPRESA DE TÂNGER



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.